

LEGADO DA IMAGINÁRIA PROCEDENTE DOS ALDEAMENTOS MISSIONEIROS DO RIO GRANDE DO NORTE

Hélio de Oliveira

Museólogo

Conservador e restaurador de obras de arte

vilafelizhelio@ig.com.br



Figura 1: Nossa Senhora dos Prazeres da Igreja Matriz de Extremoz, antigo aldeamento missioneiro de Guajiri de São Miguel.

21

Palavras-chave: Aldeamentos indígenas, jesuítas, Rio Grande do Norte, imagens devocionais.

Introdução

Considerando o que já foi citado no artigo de Fátima Lopes com relação ao inventário dos aldeamentos, especificamente no que diz respeito ao de Guajiru e Guaraíras, o arrolamento registra onze e três imagens respectivamente, para cada redução. Das onze imagens arroladas no aldeamento de Guajiru são citadas: São Miguel, Nossa Senhora dos Prazeres, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora Santana, São Joaquim, São Pedro, Santo André, São Felipe, São Sebastião, Menino Jesus e Jesus Cristo Crucificado¹. Conforme confronto com o inventário realizado entre as décadas de 1981 a 2011², quatro não foram localizadas: São Pedro, Santo André, São Felipe e o Menino Jesus. Das sete identificadas duas são de barro, São Joaquim e Nossa Senhora Santana, século XVII e cinco de madeira: São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário na fase de transição entre o século XVII/XVIII, em cedro com características técnicas e formais de sabor regional e três do século XVIII, possivelmente portuguesas: São Miguel, Nossa Senhora dos Prazeres e Jesus Cristo Crucificado, cujo suporte já identificado, conforme análise científica, é de madeira denominada de *Pinus sylvestris*, *Pinaceae*, popularmente conhecida como – Pinho-de-riga³. As imagens tem um tratamento elaborado com arrojo, tanto na forma quanto na estética. (FIG. 1).

¹ FERNANDES, apud LOPES, 1999, p.161.

² Inventário realizado por Hélio de Oliveira durante três décadas de forma voluntária, pessoal e sem patrocínio.

³ Laudo técnico do Instituto de Pesquisa Tecnológica - IPT, São Paulo. 2006.

Observa-se que na época pombalina em que ocorreram as transformações das Missões em Vilas, em 1760⁴, quando os bens dos aldeamentos foram inventariados, um par de imagens de terracota representando Santo Inácio de Loyola e São Francisco Xavier, patronos da Ordem Jesuítica e um Busto Relicário, ambos do século XVII, não foram catalogadas no inventário.

É curiosa a ausência dessas três peças no arrolamento de 1760, especialmente para o par de santos jesuíticos, que, tudo leva a crer, teriam sido feitas para suprir as primeiras necessidades devocionais no aldeamento. O Busto Relicário é possível que tenha sido incorporado ao acervo posteriormente, por ter características totalmente diferenciadas das demais. Mas pelos relatos, histórico e oral, as imagens foram enterradas pelos jesuítas quando banidos do domínio português, em 1759, e achadas em 1890, por João Vieira de Melo, quando trabalhava em um terreno da Lagoa de Estremoz, que ao secar, deixara a peça descoberta⁵. Desta forma, justifica-se a ausência no já mencionado arrolamento de 1760.

Serafim Leite⁶, em sua obra ‘História da Companhia de Jesus no Brasil’, no capítulo referente ao Rio Grande do Norte, não menciona, diretamente, qualquer oficina de estatuária nos aldeamentos jesuíticos do Estado. No entanto, em 1714, ele faz a seguinte referência a respeito do aldeamento de Guajiru de São Miguel, atual cidade de Estremoz: “... e com elemento de trabalho e catequese, construiu-se grande residência e igreja, bem ornada de obra de talha dourada e objetos de culto”⁷. Em outro momento, ele registra: “Em chegando a qualquer destas Aldeias, nós íamos logo à igreja, porque em todas as há, e algumas mui bem acabadas, com seus sinos e soma de painéis de santos pelas paredes”⁸.

Levando-se em consideração os relatos de Leite, subtede-se que, para a confecção dessas talhas e desses painéis, é possível que tenha sido montada uma oficina, ou no mínimo, um canteiro de obra para a realização desses trabalhos. Também, levando-se em consideração que no aldeamento de Guajiru havia uma olaria “*de fazer telha e tijolo com três grades de ferro*”⁹, é possível que o legado da imaginária barrista que chegou até os nossos dias poderia ser de uma produção local se levar em consideração suas características técnicas, formais e estéticas, as quais serviram para as primeiras obrigações devocionais, bem como algumas imagens de madeira, conforme análise que se fará a seguir.

22

As imagens de São Joaquim (56 cm) e Sant’Ana Mestra (60 cm), construídas em argila acinzentada, tem o mesmo tratamento de modelagem: atarracada e com leve indício de movimentação no joelho esquerdo; a perna direita apoia o corpo sobre base arredondada em tons de verde-escuro; as túnicas caem verticalmente em pregas cilíndricas, marcadas pelas cinturas altas. No São Joaquim, verifica-se, a desproporcionalidade da cabeça e mão, em relação ao corpo, e que é marcada pela expressão fisionômica do rosto e pelo realismo da costa da mão, frisada pelas grossas veias; a barba cerrada e os cabelos em sulcos ondulados, aparados em linha curva e em forma de ‘U’, são traços típicos do período seiscentista; o manto azul-escuro forrado de vermelho, ganha uma leve movimentação na horizontal. Na Sant’Ana, o manto cai naturalmente do lado direito e no esquerdo ganhou tímida movimentação em diagonal. Como se pode observar, as imagens guardam entre si aproximações formais e estéticas, donde se pode deduzir tratar-se do mesmo autor. (FIG. 2 e 3).

As peças representando Santo Inácio de Loyola (51cm) e São Francisco Xavier (49cm) tem características também comuns entre si. Modeladas em pasta argilosa de tonalidade vermelha, tem o mesmo tratamento: levemente atarracadas; com leve indício de movimento na perna direita; a esquerda apoiando o corpo sobre base arredondada de tom verde-escuro. No panejamento, as sotainas pretas caem verticalmente em pregas cilíndricas, marcadas pelas cinturas altas. As mãos são os elementos de expressão que mais se destacam nas peças, pela desproporcionalidade. A camada pictórica foi aplicada diretamente sobre o suporte. (FIG. 4).

⁴ LOPES, Fátima Martins, 1999.

⁵ CASCUDO, Acta Diurna, 1934, p.4

⁶ LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil. Lisboa: Livraria Portugália, 1938.

⁷ MONIZ, apud LEITE, Serafim. 1938, p.534

⁸ IDEM, p.512.

⁹ FERNANDES, apud LOPES, 1999, p.161.



Figura 2 e 3: São Joaquim e Santana Mestra proveniente do antigo Aldeamento de Guajiru de São Miguel.
Terracota dourada e policromada, século XVII.
Fotos: Acervo do Museu de Arte Sacra do Rio Grande do Norte.

As quatro imagens já discutidas formam um conjunto da estatuária barrista que, par a par, tem características comuns entre si. Tudo nos leva a crer que os dois pares foram executados por artistas distintos. Assim como são flagrantes as características comuns entre São Joaquim e Sant'Ana, o mesmo acontece com o Santo Inácio de Loyola e São Francisco Xavier. A diferença está no gabarito entre um conjunto e outro, evidenciando-se uma melhor qualidade e erudição escultórica e policromática no casal israelita. Já as que representam os santos jesuíticos a modelagem é simples e desprovidos de qualidade técnica, margeando a fronteira da falta de acabamento. Em ambos os conjuntos, pode-se verificar a desproporcionalidade, a frontalidade e a estaticidade. Concebidas em eixo central que parte da cabeça e perpassa entre os dois pés.

23

Com relação às duas peças de madeira da fase de transição do século XVII/XVIII, Nossa Senhora do Rosário (66 cm) e São Sebastião (85 cm), observa-se no São Sebastião a nítida influência da mão-de-obra nativa e produzida, provavelmente, no antigo aldeamento de Guajiru de São Miguel. O modelo revela claramente o biótipo do índio, seja na modulação do rosto, na estrutura corporal, estático e com longos e escorridos cabelos pretos. Na representação, o autor usou como árvore o mandacaru, vegetação típica da flora cactácea da região, reforçando a atribuição de ser uma produção local. Ao mesmo tempo, o artista externou a duplicidade do martírio sofrido por São Sebastião, atando-o ao mandacaru¹⁰. (FIG. 5). Esta peça provavelmente serviu de modelo para uma série de outras semelhantes, tanto de grande porte, para o culto coletivo, quanto na imaginária de pequeno porte para servir ao culto doméstico. Na Nossa Senhora do Rosário, a vasta cabeleira, a ausência do véu e a postura estática são as características que nos remete à transição dos séculos XVII/XVIII. Nestas duas peças trazem em sua construção várias características da centúria seiscentista: a frontalidade, a desproporcionalidade e estática, a vasta cabeleira descoberta. Ambas arquitetadas em eixo central com leve inclinação para direita, quase que imperceptível. (FIG. 6).

¹⁰ O mandacaru, também conhecido como cardeiro, é uma planta da família das cactáceas. É comum no nordeste brasileiro, atinge até mais de 5 metros de altura.



Figura 4: Santo Inácio de Loyola e São Francisco Xavier da Igreja Matriz de Extremoz, antigo aldeamento de Guajiru de São Miguel. Barro cozido, século XVII.

As quatro peças citadas no levantamento da Igreja de São João Batista da Missão de Guaraíras (hoje cidade de Arez), foram assim arroladas: São João Batista (orago), dois Santos Cristo e uma Nossa Senhora da Conceição¹¹, foram identificadas no atual inventário o São João Batista (105 cm) e a Nossa Senhora da Conceição (106 cm) que são os patronos da cidade, ambas em madeira policromada do início do século XVIII, cuja fatura é bastante simplificada provavelmente feitas por escultor de segunda linha, ou por santeiro local. Os dois Santos Cristos não foram localizados. No entanto, foi mapeado um conjunto de Três Reis Magos em madeira dourada e policromada com fortes características da imaginária do século XVII. A desproporcionalidade é o que mais chama a atenção, pois a modulação da cabeça em relação ao corpo é de uma por três no Melchior (59,5 cm) e Baltazar (51 cm) e três e meia para Gaspar (59 cm)¹².

24

Ainda nessa igreja da antiga redução foi registrada uma Nossa Senhora das Dores (86cm) e um Sagrado Coração de Jesus (78 cm), ambos em madeira dourada e policromada datada como produção do século XIX.

Vale a pena registrar que na cidade de Arez os mais velhos costumavam verbalizar que a antiga imagem de São João Batista era de barro e que foi roubada e assumindo o trono a de madeira¹³. Possivelmente, tratando-se da primitiva imagem do aldeamento, da qual não se tem paradeiro.

No inventário realizado no período pombalino e tomado pelo Ouvidor Bernardo Coelho da Gama e Casco¹⁴ no que concerne a imaginária não há referência aos outros três aldeamentos: Missão de Apodi de São João Batista, Missão de Mipibú de Sant'Ana e Missão de Igramació de Nossa Senhora do Desterro. Isto porque,

¹¹ FERNANDES, apud LOPES, 1999, p.161.

¹² Relatório de Restauração das imagens dos Três Reis Magos da cidade de Arêz, realizada na Oficina de Conservação e Restaura Santo Ofício, do Instituto Museu do Homem Missioneiro Potiguar – MHOMISP, 2009.

¹³ Depoimento colhido durante as passagens pela cidade de Arêz realizando o Inventário em 1981.

¹⁴ FERNANDES, apud LOPES, 1999, p.161.



Figura 5: São Sebastião, da Igreja Matriz de Extremoz, antigo aldeamento de Guajiru de São Miguel. Madeira dourada e policromada, transição século XVII/XVIII.

25

naquele momento os aldeamentos citados eram dirigidos por missionários de outras ordens religiosas. Portanto, não foram atingidos pelas ordens de substituição dos missionários por padres seculares, como foram os jesuítas.

No entanto, no atual inventário, realizado entre as décadas de 1981 a 2011 e atualizado conforme trabalhos realizados em 2005 e em 2006, especialmente nas cidades onde há imagens tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan¹⁵ algumas imagens foram encontradas.

Na antiga Missão de Apodi de São João Batista, atual Apodi, instalada no princípio do século XVIII, que ocorreu em 10 de janeiro de 1700¹⁶, mas que não prosperou e foi restaurada em 1734 sob a direção dos Frades Capuchinhos, em 1752, “o Frei Fidélis de Partama no Apodi fez uma Igreja nova de abóbada, que armou com três imagens grandes”¹⁷. Localizou-se, na igreja Matriz, nove imagens em madeira policromada, de grande porte, sendo quatro do século XVIII: São João Batista (150 cm) que divide o padroado com Nossa Senhora da Conceição (156 cm), Nossa Senhora do Rosário (86 cm) e São Bento (73 cm), todas com apuro formal e estético. Levando-se em consideração a qualidade técnica da fatura, tudo leva a crer tratar-se de uma produção externa, ou do aprimoramento técnico dos artistas franciscanos na região. Quanto à policromia não é possível qualquer avaliação, haja vista estarem todas repintadas.

As outras cinco imagens que compõe o conjunto: Nossa Senhora das Dores (135 cm), Senhor dos Passos (160cm), Senhor Morto (162 cm), São Miguel (145 cm) e São Roque (64 cm), são madeira policromada e com características da imaginária do século XIX e muito bem elaboradas, com exceção de São Miguel e o Senhor Morto.

¹⁵ OLIVEIRA, Hélio. SILVA, Neilton Santana da. Relatório do Inventário e estudo das 56 imagens do Rio Grande do Norte, tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 2005.

¹⁶ LOPES. Fátima Martins, p.152.

¹⁷ PRIMÉRIO, apud, LOPES. p.155.



Figura 6: Nossa Senhora do Rosário, proveniente do antigo Aldeamento de Guajiru de São Miguel. Madeira dourada e policromada, transição século XVII/XVIII. Foto: Acervo do Museu de Arte Sacra do Rio Grande do Norte.

Em pleno século XVIII, esse aldeamento foi transferido para a Vila de Portalegre (atual Cidade de Portalegre) e não se pode ignorar o espólio deixado pelos missionários. Na Igreja Matriz, localizam-se três esplêndidas imagens de grande porte em madeira dourada e policromada – apesar das repinturas, observa-se a extraordinária fatura das peças. Trata-se de uma Nossa Senhora da Conceição e um São João Batista, que são copadroeiros do orago, e um São José de Botas, todos medindo (150 cm). Pela excepcional construção das peças é de se supor uma exuberante policromia.

Com a chegada dos missionários capuchinhos no Rio Grande do Norte, em pleno século XVIII, é instalada também a Missão de Mipibú de Sant'Ana (atual Cidade de São José de Mipibu), em 1736. O legado arquitetônico referente à igreja é de grande porte, mas bastante desfigurada da sua fábrica original. No entanto, através do conjunto da estatuária que chegou aos nossos dias, é possível imaginar a grandiosidade do templo. São dezesseis belíssimas imagens de grande porte, em madeira dourada e policromada com requinte de erudição: Sant'Ana (98,5 cm) e São Joaquim (110 cm) copadroeiros. Dois Cristos Crucificados (95 cm e 145 cm respectivamente), Nossa Senhora da Conceição (95 cm), Nossa Senhora do Rosário (71 cm), São Pedro (167cm), Senhor dos Passos (166 cm), Senhor Morto (151 cm), Nossa Senhora da Soledade (160 cm) e São Sebastião (79 cm). Todos do século XVIII. Cinco imagens possivelmente do século XIX que correspondem às iconografias de Jesus Ressuscitado (83 cm), Nossa senhora das Dores (145 cm), Sagrado Coração de Jesus (83,5 cm), São Gonçalo Garcia (76 cm) e São José (76 cm).

Todas as peças citadas do século XVIII estão documentadas através de radiografias computadorizadas pelo Instituto de Radiologia de Natal (IRN), analisada a anatomia do lenho pelo Instituto de Pesquisas tecnológicas (IPT) e análise de pigmento feito pelo Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (Cecor), que fazem parte do arquivo da Oficina de Conservação e Restauração Santo Ofício Instituto do Homem Missionário Potiguar (MHMSP). Neste caso, pode-se afirmar que o conjunto mencionado, conforme análise, é provavelmente de origem portuguesa, pernambucana e baiana.

Nesse contexto da Missão de Mipibu de Sant'Ana não pode deixar de lado o local aonde iniciou todo o processo do aldeamento de Mipibu: “Com efeito, em 1703, foi feita uma demarcação de terra em favor dos índios da aldeia de N^a S^a do Ó do Mipibu, pelo Juiz Christovão Soares Reymão, confirmada pela Rainha em 1704”¹⁸, o que corresponde hoje à cidade de Nísia Floresta, também assistida pelos missionários capuchinhos. A grandiosa igreja dessa cidade também tem uma herança extraordinária com relação ao seu acervo de estatuária, composta por catorze excepcionais peças, todas em madeira douradas e policromadas. Seis imagens do século XVIII, conforme listagem: Cristo Crucificado (129 cm), Nossa Senhora do Rosário (114 cm), Senhor dos Passos (175 cm), Senhor Morto (150 cm), Senhor dos Martírios (171 cm), Nossa Senhora do Ó (126 cm). As demais, provavelmente do século XIX: Nossa Senhora da Soledade (145 cm), Nossa Senhora das Dores (95 cm), Santo Estevão (80 cm), São Benedito (86 cm), São José (125 cm), Nossa Senhora da Conceição (65,5 cm), Santo Antônio (73 cm), São Roque (78 cm), Nossa Senhora do Ó (65 cm).

O último aldeamento a ser instalado foi a Missão de Igramació de Nossa Senhora do Desterro, denominada hoje como cidade de Vila Flor, ocorreu por volta de 1730 e registrada no Livro de Tombo do Convento do Carmo de Recife, em 1740¹⁹. A igreja foi construída por volta de 1743 e 1745.²⁰

Desta redução, o único testemunho que resiste até o presente é a sóbria e bela igreja, com seu campanário alpendrado. Com relação ao seu patrimônio móvel e integrado até o presente não se tem conhecimento de qualquer objeto de culto que seja atribuída àquela antiga redução. A Nossa Senhora do Desterro que se encontra no orago é uma réplica do que seria a imagem original do espaço sagrado.

Levando-se em consideração a data da implantação do aldeamento de São Miguel do Guajiru (atual cidade de Extremoz), que ocorreu no século XVII (1683), é possível que a estatuária de terracota tenha sido produzida para suprir as primeiras funções devocionais na igreja do aldeamento. Essa possibilidade nos leva a crer, também, tratar-se de uma produção local, já que o barro era o material mais farto e fácil de ser trabalhado naquele período. Extremoz é, até hoje, famosa pela riqueza de argilas que sustenta o centro ceramístico da região. As louceiras ainda produzem seus artefatos com argilas nas cores branca, cinza, ocre e vermelha. Vale ressaltar que as peças analisadas trazem essa característica da cor do barro local²¹.

27

Como também já foi analisada parte da imaginária esculpida em madeira poderá ter saído dos próprios aldeamentos, haja vista que em 1714 já havia referência aos aldeamentos com suas igrejas todas muito bem acabadas com seus painéis de santos pelas paredes²². Se em 1714 se registra esse aprimoramento, é possível que no decorrer do século também tenha ocorrido uma evolução no fazer escultórico pelos missionários.

É possível que o fato de terem sido poucos os recursos econômicos da Capitania do Rio Grande no período colonial, em relação a alguns outros estados do nordeste, reforça a tese de uma produção local, já que a importação de peças da metrópole e de outros centros produtores do país era muito dispendiosa. Não é o caso de afirmar que tais importações não tenham ocorrido mesmo porque, em nosso acervo, verificaram-se registros na imaginária com características técnicas, formais e estilísticas da estatuária portuguesa e das setecentistas, notadamente da escola baiana e pernambucana.

Referências

CASCUDO, Luís da Câmara. **Os santos de Extremoz**. Acta Diurna, 4p. Jornal A República. Natal: 19 de julho de 1944.

Fundação José Augusto. **Relatório sobre a cerâmica popular da Região de São Gonçalo do Amarante**. 1995.

¹⁸ LOPES. p.141.

¹⁹ LOPES. p.144.

²⁰ IDEM, p.160.

²¹ Fundação José Augusto. Relatório dos Estudos sobre a cerâmica da Região de São Gonçalo do Amarante, 1995.

²² MONIZ apud LEITE p. 512.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Tomo I. Lisboa: Livraria Portugália, 1938. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

LOPES, Fátima Martins. **Missões Religiosas: Índios, colonos e missionários na colonização da capitania do Rio Grande do Norte**. 210p. Dissertação (Dissertação de Mestrado) Recife: Universidade federal de Pernambuco, 1999.

OLIVEIRA, Hélio de. In: **Imaginária Sacra do rio Grande do Norte: Trajetória e Produção**. Caminhos da Arte do Rio Grande do Norte. Barcelona, 2001.

OLIVEIRA, Hélio de. SILVA, Neilton Santana da. **Inventário das imagens do Rio Grande do Norte**, tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Parnamirim/RN, 2005.

_____. **Relatório dos trabalhos de restauração das três imagens dos Reis Magos da Cidade de Arêz**. Parnamirim/RN, 2009.

SILVA-NIGRA, D. Clemente Maria da. **Os dois escultores Frei Agostinho da Piedade – Frei Agostinho de Jesus e o arquiteto Frei Macário de São João**. Salvador: UFB / Conselho Federal de Cultura, 1968.